

## Imprensa e Literatura: o caso dos periódicos na formação do leitor infantil e juvenil em Mato Grosso

Press and literature: the case of journals in the formation  
of children and young player in Mato Grosso

Renata Beatriz Brandespin Rolon\*

**RESUMO:** Este artigo focaliza a formação do campo literário em Mato Grosso e perfaz o caminho que revela a História da literatura infantojuvenil no Estado, a partir dos primeiros textos literários direcionados a crianças e jovens. Os periódicos como *A Juventude* (1916 a 1917), ou em jornais escolares como *O Pequeno Mensageiro* (1920) e *O Liceu* (1930), foram responsáveis por ações e pela representação da criança dentro desse universo da escrita. Para chegarmos a uma análise mais pertinente foram verificadas as tendências estéticas, os temas, as formas e os recursos visuais que moldaram o periódico *A Juventude*. A conjunção da História e da Crítica literária, embasada nas análises de alguns números do periódico selecionado é a força motriz deste estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura infantojuvenil mato-grossense. Periódicos juvenis. Formação do campo. Leitores.

**ABSTRACT:** This paper focuses on the formation of the literary field aimed at children and young people in Mato Grosso and makes up the path that reveals the history of children and youth literature in the state, from the first literary texts aimed at this audience. Journals as *Juventude* (1916-1917), or in scholarly journals such as *O Pequeno Mensageiro* e (1920) and *O Liceu* (1930) were responsible for actions and representation of child within this universe of writing. To achieve a more meaningful analysis, the aesthetic trends, themes, shapes and visual resources that have shaped the journal *Juventude* were verified. The combination of History and literary criticism, based on the analysis of some numbers of the selected journal, is the driving force of this study.

**KEYWORDS:** Mato-grossense children and youth literature. Youth journals. Field of formation. Readers.

### Introdução

Contar a história da literatura infantil e juvenil produzida em Mato Grosso é tarefa árdua. Traçar um panorama dessa literatura requer incluir questões inerentes à História do Brasil, que envolvem a expansão territorial do país, seus diferentes tipos humanos, suas diferentes culturas, modos, arte, além de seu processo de desenvolvimento econômico e educacional. É também considerar que a memória

---

\* Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo-SP

individual e coletiva determinam os rumos desses caminhos tecidos por um fio condutor que apresenta e representa uma individualidade.

Diante da complexidade dos textos que estruturam a literatura infantil, em tempos de memória fugidia, a arte literária torna-se um instrumento útil. Tanto a narrativa oral quanto a escrita são ferramentas capazes de potencializar o fluxo das lembranças e da criação. Na literatura, encontramos caminhos que indicam como o homem pode depreender, por intermédio da linguagem inventiva e dinâmica, o passado e suas intermitências. Atentamos que na lembrança está o mote para que o homem teça suas narrativas e refaça sua história. É oportuno frisar que lembrar o passado significa buscar múltiplas vozes, evocar imagens que revelam mais do que fatos. Essas imagens desvelam valores, crenças... desvelam vidas.

Nessa perspectiva, rastreamos a gênese e o desenvolvimento da literatura infanto-juvenil produzida em Mato Grosso sem perder de vista os dados histórico-culturais que, direta ou indiretamente, atuam ou atuaram na criação literária local. Na certeza de que o Brasil possui uma história cultural múltipla, diversa e conflituosa, torna-se oportuno mostrarmos como ocorreu a prática de leitura nesse espaço geográfico.

### **1- Por uma imprensa em Mato Grosso: a formação do leitor infanto-juvenil**

O encontro entre literatura e imprensa, na virada do século XIX para o XX, é fator primordial para o processo de formação e desenvolvimento da literatura e, em especial, da literatura infantil e juvenil brasileira. A produção literária adulta e infantil, que se publicava na imprensa consagra autores, além de servir como mediação para exposição de princípios, formação cultural e questões relativas ao aprendizado escolar. Essa produção exerceu um papel de suma importância para a divulgação de ideias, ideologias, além de contribuir para formação dos hábitos, gostos e atitudes. Devido a sua popularidade, a imprensa gradativamente tornou-se mais especializada, atendendo às necessidades comunicativas e aos interesses específicos de diversos grupos sociais.

Muitos autores divulgavam suas obras literárias por intermédio de jornais e revistas, uma vez que, através desses veículos, conseguiam atingir um público maior do que aquele alcançado com a publicação de livros. Situação semelhante ocorre em determinado período histórico de Mato Grosso. Referimo-nos ao momento em que jornais e revistas com conteúdos infantis e juvenis passam a contribuir para a formação de uma produção literária destinada a esse público. Coube a imprensa o papel de moderadora entre o texto jornalístico, o literário e o texto que servia a interesses mais pedagógico-cívicos. Analisando a formação da literatura infantil brasileira, Arroyo (2011, p. 179) informa:

Para a formação das coordenadas da literatura infantil brasileira, a criação de um campo propício à sua evolução – sem nunca esquecer aqui a importância fundamental do desenvolvimento da educação e do ensino – para sua base, se assim podemos exprimir, foi a imprensa para crianças e jovens, imprensa não só na forma de jornal, como na forma de revista.

As análises de jornais e revistas ajuda-nos a rastrear a gênese da produção infantil em Mato Grosso. A caracterização de movimentos culturais, como o teatro e literatura, começa a ter um direcionamento o que nos possibilita redefinir concepções no que dizem respeito à literatura e aos aspectos históricos. No espaço-tempo das letras impressas é indiscutível o caráter civilizatório mediado pela imprensa que “entretive, informou, educou, criou hábitos de leitura, formou autores, refinou costumes, ditou regras sociais, morais e religiosas, e fortaleceu a identidade regional” (NADAF, 2002, p. 208).

Em face da relevância que os jornais tiveram na vida social mato-grossense do século XX, propomos estudar a imprensa escolar infantil e juvenil, mais especificamente jornais, que trazem em seu conteúdo uma temática voltada para esse público.

Na literatura do mundo ocidental, a Espanha foi um dos primeiros países a possuir esse tipo de publicação. Em 1798, na cidade de Madri, surgiu o primeiro periódico infantil, *Gazeta de los Niños*. Este, como os demais que circularam no país até os primeiros anos do século XX, servia aos interesses da escola. Munidos de intenções pedagógicas e preceitos eruditos, a arte literária ficava em segundo plano, fator determinante para fortalecer a relação da literatura infantil com a pedagogia. Segundo Arroyo (2011), essa característica se estende à imprensa escolar infantil surgida em toda a

Europa, de quem o Brasil recebe os primeiros ensinamentos.

No Brasil, a imprensa infantil e juvenil escolar surge na Bahia, na primeira metade do século XIX. A partir do título do jornal já era possível perceber essa inferência. Trata-se, por exemplo, do jornal *O Adolescente* (1831), que teve 46 números publicados. Contudo, segundo Arroyo (2011), em julho de 1937, em Salvador, circula um jornal que continha em seu conteúdo o direcionamento específico: *O Recompilador ou Livraria dos Meninos*. Nessa trajetória, registra-se o aparecimento dos primeiros jornais, *O Juvenil*, no Rio de Janeiro; no Maranhão, *Jornal de Instrução e de Recreio*; em Pernambuco, *A Saudade* e em São Paulo, *Kaleidoscopio*, todos com objetivos pedagógicos.

Arroyo (2011) faz um levantamento de materiais como livros, revistas além de jornais, impressos em escolas brasileiras ou apenas direcionados à área escolar durante o século XIX e início do XX. Nesse levantamento, o crítico opta por citar os de caráter infantil e juvenil em cidades do interior de São Paulo, como também nas capitais do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em meio a um grande número de material, o autor revela que há os utilizados na intenção do aprendizado, das obrigações escolares e os que intencionam o divertimento.

É importante frisarmos que a imprensa escolar infantil e juvenil em Mato Grosso não faz parte da pesquisa de Arroyo. As experiências locais, veiculadas a essa produção não são citadas pelo crítico, que promove um estudo pioneiro sobre a história da literatura infantojuvenil brasileira. Mesmo afirmando que os jornais, quer nas escolas primárias quer nas secundárias, promoviam a circulação das manifestações literárias de intelectuais, escritores e poetas que, em muitos casos, se salientariam nas letras literárias brasileiras, o crítico deixa à parte as importantes contribuições que a imprensa escolar em Mato Grosso traça para o levantamento dessa história.

No que tange a imprensa em terras matogrossenses, encontramos registrado que em 30 de junho de 1902 chegou à oficina de tipografia do Liceu Salesiano a máquina *Marinoni*, montada no antigo refeitório dos padres. Em 1903, os salesianos de Cuiabá lançam o jornal

*Matto-Grosso*, que circulou durante um ano e depois foi transformado na *Revista Matto-Grosso*, editada pelo padre Helvécio Gomes de Oliveira (JUCÁ, 2009). Grande parte dos números traz assuntos relacionados à igreja católica e à congregação salesiana. Algumas edições, como as de número 01, 08, 10 e 12, tratavam de fatos importantes locais e nacionais, como a eleição do novo presidente do Estado. Na primeira edição, como era de costume dessa publicação, havia um editorial sobre as aspirações para o ano que se iniciava.

No corpo da Revista constam poemas, contos, crônicas e artigos. Um desses, publicado em 1907, intitula-se “Casamento e união livre”. O título evidencia a promoção dos valores e dogmas católicos. Na seção História, encontramos um discurso que intenciona “resgatar” a história de Mato Grosso, com relatos sobre datas importantes e estórias dos desbravadores da Província. Ainda, nos números analisados, há colunas especiais publicadas durante os meses de setembro e dezembro, sobre a Proclamação da Independência e registros de viagens de oficiais no período da guerra entre o Brasil e o Paraguai.

Outra seção bem interessante é a seção “Notícia”. Nesta eram feitos todos os tipos de relatos: aniversariantes do mês, descobertas recentes, acontecimentos regionais como festas ou mortes de pessoas ilustres. Dentre eles, registramos as comunicações do colégio ou da missão salesiana como, por exemplo, as aprovações e doações à missão de catequese indígena, com nome e valores doados. Observamos que as notícias sobre acontecimentos religiosos, sobre a missão salesiana junto aos índios e as notícias sobre o trabalho dos padres à frente dos colégios recebiam maior destaque no corpo do Periódico.

A Revisão faz circular importantes manifestações literárias de professores e intelectuais. Partindo de uma concepção didática, privilegiando temas de interesses locais, alguns autores/professores, num trabalho pioneiro, irão estabelecer os rumos da produção artística, trazendo em seu bojo índices de valoração, fortalecimento e particularidades. Esse imbricamento reflete, posteriormente a fisionomia dos textos e mostram-nos fatos novos, talvez antes considerados menos importantes, quando lidamos diretamente com a linguagem que nasce na antiga província. Todas esses fatores implicam no engendramento da tradição, da

tradição, da memória e de herança cultural. Forma-se um jogo de forças que se estende a uma escrita que, obviamente, atendia aos interesses pedagógicos da comunidade religiosa salesiana.

Entendemos que, munida de uma tradição utilitária, as manifestações artísticas surgidas nas escolas em Mato Grosso servem-se do ritual do encantamento, das súplicas e dos louvores para declarar o bem-estar humano. Por acreditar na aprendizagem pelo exemplo, no ensinar e salvar, também coube à escola da época promover o desenvolvimento intelectual e cultural do Estado.

Compenetrados numa missão educativa e didática, os salesianos produziam peças teatrais, jornais e revistas ressaltando a manutenção de valores, atitudes e ensinamentos. Essa era a possibilidade de iniciar a criança e o jovem no conhecimento da realidade, de mostrar a eles os modos de vivência e de comportamentos. Por isso, na tentativa de “educar” o público local, a cultura escrita é tomada como a principal formadora do sistema literário. Nesse sentido, cumpre dizer que toda a elaboração inicial desse sistema baseia-se, necessariamente, na amostragem da cultura da sociedade mato-grossense e na valorização de elementos locais e nacionais. Esses elementos se entrelaçam e se materializam no plano temático e também no da linguagem.

Com essas articulações em solo mato-grossense, a imprensa mantém seu direcionamento atendendo as necessidades comunicativas do público juvenil que se formava. Uma pesquisa no NDIHR<sup>1</sup> nos proporcionou uma visão do movimento desses periódicos. No acervo do Núcleo de Documentação e Informação, encontramos três importantes periódicos: *A Juventude*, *O Liceu* e *O Pequeno Mensageiro*.

A respeito da relevante influência da imprensa na evolução cultural do Estado, citamos os estudos de Póvoas (1994, p. 59). O historiador, em tom entusiasmado e contagiante, afirma que nos jornais “daquela fase áurea da nossa evolução cultural, - os anos que ficaram entre a Guerra do Paraguai e a Revolução de 1930 -, veremos o alto nível daquela imprensa”. Para ele, há nesses periódicos “artigos muito bem lançados, focalizando assuntos versados com extraordinária precisão e lógica de argumentação e, sobretudo, numa linguagem castiça, num português corretíssimo” (PÓVOAS, 1994, p. 59-60).

---

1 O Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional possui um expressivo acervo constituído de reproduções em microformas, digitais, referências virtuais, imagéticas, orais e acervo impresso bibliográfico de obras raras, com cerca de aproximadamente 2.000 volumes e um considerável acervo de periódicos. O NDIHR foi criado pela Resolução CD. 66/1976 - Fundação Universidade Federal de Mato Grosso.

As manifestações literárias presentes nesses periódicos exemplificam as relações existentes entre os textos publicados, a linha discursiva adotada pelos periódicos e a relevância dessa fomentação literária cultural precursora da literatura infantil juvenil em Mato Grosso. Dos periódicos analisados por nós, destacamos, neste estudo, o *A Juventude*:

O jornal *A Juventude*, “periodico literario, critico sportivo e noticioso”, foi publicado de 1916 a 1917, totalizando 42 números. Nas nossas pesquisas, encontramos disponíveis os números 1-7, referentes a novembro e 28 de dezembro e no ano II, de 04 de janeiro a 01 de fevereiro os números 8 a 42. Impresso em Cuiabá, o periódico contém em seu título uma indicação clara do seu direcionamento, todavia isso não impediu que o periódico trouxesse em seu editorial assuntos de interesse variado.

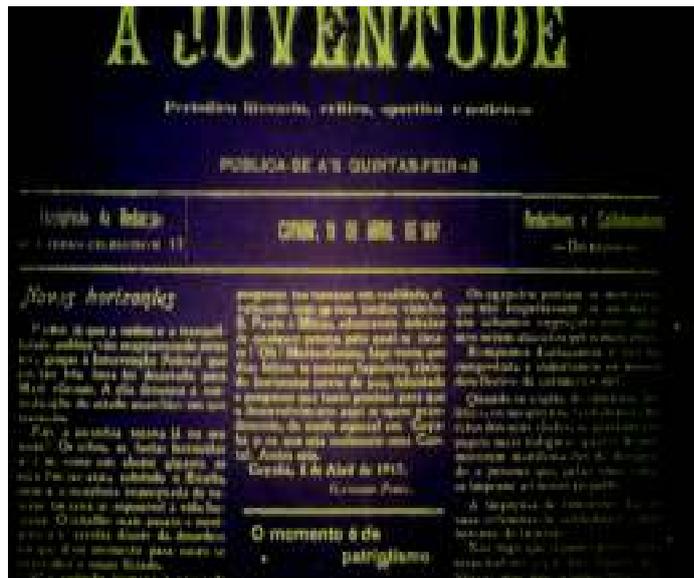


Fig. 1: Primeira página do jornal *A Juventude*.

Os textos literários possuem grande recorrência. Encontramos poemas e textos em prosa, denominados por Nadaf (1993) como prosa literária curta. Quanto aos dois gêneros citados, encontramos poemas com temas que tentam envolver o público juvenil. Dos vários números do periódico analisados por nós (*A Juventude*, Cuiabá, 19/04, 17/05, 28/06 e 01/10 de 1917), destacamos os poemas “Innocência”, de autoria não informada e “A Escola”, de

de José Raul Vilá, escrito em 1915 e publicado em 1917:  
Trata-se de um poema com três estrofes de oito versos, todos rimados. Com uma linguagem infantilizada, parece se dirigir a leitores necessitados de facilitadores: “as crianças”. As comparações utilizadas são puramente referência direta ao objeto ao qual se compara: “Eu sou assim bonitinha / Como esta mimosa flor” (*A Juventude*, 17/05/1917).

Desde o título, constrói-se a imagem de um ser angelical, puro e imaculado, referências explícitas de uma idealização do ser mulher, própria do período romântico: “Em mim aninha-se o amor / Mas um amor puro e santo / Que só possui a inocência / Tão doce que eu amo tanto / Pois é dos Anjos a essência” (*A Juventude*, 17/05/1917). O poeta revela um eu no seu cotidiano familiar. Tudo é descrito na medida, com moderação. Num espaço-tempo em que se caracteriza a menina moça, a quem o poema é dedicado, ditam-se, implicitamente, normas rígidas de comportamento e se proclama a manutenção da obediência aos valores instituídos. No ritmo do poema está imposta a aprendizagem passiva das regras para a vida em sociedade no mundo dos adultos. Desse modo, essa menina moça deveria aprender, desde já, a ser mulher, namorada, esposa, mãe, filha etc.

Importante citarmos que essa mesma visão da criança, ou seja, aquele ser que precisa ser ensinado e condicionado, está em textos narrativos e poéticos criados no primeiro momento da literatura infantil brasileira, que se estendeu de 1880 a 1920. É a literatura de caráter utilitário, recurso que se coloca acima da natureza artística do objeto.

Na terceira estrofe do poema, os versos revelam que o eu poético é o ser ainda em formação. Ele é preparado pelo adulto e, por isso, aparece apenas na posição de receptor passivo desses valores. No primeiro e no segundo versos, lemos: “Meus paes as vezes me ralham/Vendo me assim folgoza...”. A obediência aos mais velhos é ponto predominante nessa literatura que começa a se formar. Nela, ouvimos a voz de uma criança proclamando o que pregavam os adultos: “Dos voos, das esperanças...Deus, lá da corte selecta / Dá penas de ouro às creanças”. É a imagem do que seja uma criança comportada, servindo de modelo às ações dos leitores em formação.

Na produção poética que se materializa como possibilidade de leitura para os mais novos, encontramos também o poema “A Escola”, de José Raul Vilá, publicado no periódico *A juventude*, de 28/06/1917. Inspirado na nobreza da instituição e na figura do aluno, o poema narrativo, constituído de 11 quadras, todas rimadas, tem como grandes personagens a escola e a criança. Manifestando-se em português castiço o eu poético externa seus sentimentos e valores interiorizados. Logo na primeira quadra é anunciado: “Salve, berço de paz e esperança / De justiça, virtude e amor Que, embalando a inocente creança / Vertes raios de ethereo fulgor” (*A Juventude*, 28/06/1917).

Mais uma vez nos deparamos com exemplos do cultivo da poesia de feição pedagógica que reflete a ideologia predominante na literatura, cujo tema intencionava ter como público a criança. Era uma poesia voltada para a orientação e manutenção de preceitos de ordem moral, cívica e cristã. A voz do eu declara: “Como a luz que nos brados amenos/Melros jovens ensina trinar/Tu também, nobre Escola, não menos/Fazes sempre as creanças cantar”. Símbolo do tradicionalismo cultural, a escola é imortalizada nas letras de José Raul Vilá, de onde se materializam exemplos, experiências, avisos, sugestões e ensinamentos.

Todo esse universo consagrado e esplendoroso está representado pelo ritmo monótono e pela métrica dos versos. As comparações anunciadas mantêm a forte relação entre a criança e a escola. À medida que se aproxima o final fica evidente que a criança necessita receber os valores que a consagrada instituição oferece: “Como as flores precisam fragancia/Luz, orvalho e aragem subtil/Tambem isto e com muita abundancia/Quer o garrulo mundo infantil” (*A Juventude*, 28/06/1917).

Notamos a valorização do estudo na vida dos que estão em formação, ideia recorrente no Brasil que buscava sua modernização. Nesse contexto, as campanhas de difusão patriótica, escolar e familiar apresentavam-se como única possibilidade, “no discurso otimista da classe dominante”, esclarecem Lajolo e Zilberman (1985, p. 38).

Seguindo a tendência conservadora nas letras do Estado, a função artística, nessa produção destinada à criança e ao jovem, fica em menor escala para realçar o objetivo de formar o caráter e reforçar valores morais caros

aos adultos. Nessa produção não há espaço para o deleite, tampouco para o questionamento. No tom ufanista e exaltado do poema “A Escola”, visualizamos a imagem que se faz da criança através dos tempos: “Salve, Escola, tu só docemente/Sabes luz e rocio espartir/Sobre a turba infantil, inocente/Trescalante jardim a florir” (*A Juventude*, 28/06/1917).

De modo geral, na leitura do periódico *A Juventude*, verificamos que os assuntos estão distribuídos entre política, história do Brasil e do Estado, avisos de utilidade pública, colunas que traziam datas de aniversários de filhos de pessoas influentes da sociedade, perfil das “mademoiselle da nossa melhor sociedade”, paródias, charadas, anúncios das peças de teatro encenadas na capital, propagandas de lojas que vendiam desde gêneros alimentícios até livros vindos da Europa e, ainda, notícias de clubes esportivos.

Merece destaque a “Secção infantil”, com concurso de perguntas e respostas. No primeiro ano de vida do jornal, encontramos a seguinte informação: “Em todos os números do nosso jornalsinho publicaremos questões a fim de serem resolvidas” (*A Juventude*, 12/11/1916).



Fig. 2: Página do jornal *A juventude*. Destaque para “Secção infantil”.

Da leitura dessa secção, extraímos: “A capital de um Estado do Brasil, sem a última letra, torna-se em parte do leite (2 syllabas)”, “Qual é o animal que se acrescentarmos uma letra transforma-se em sobrenome? (2 syllaba)” (*A Juventude*, 01/10/1917). Essa linha editorial do jornal segue o mesmo padrão encontrado em periódicos juvenis editados em São Paulo e em outros Estados brasileiros no final do século XIX. Com grande aceitação, esses jornais destinavam algumas colunas para o divertimento e recreação trazendo charadas, adivinhas, concursos, poesias e contos.

Voltando à análise do periódico *A Juventude*, a secção “Anjinhos” também nos chama a atenção. Nela, o redator relata o falecimento de filhos de personalidades da capital, Cuiabá. Com uma linguagem infantilizada, a temática da morte é concebida na visão transcendental da condição humana. Com um discurso pomposo, carregado de metáforas, comparações e perífrases, a morte de crianças e jovens é motivo de destaque: “Evolou para a mansão dos juntos, a 27 do espirante a innocente Maria Oscarlina afilhada do nosso distinto amigo Capm. João Pedro de Figueiredo, a quem enviamos os nossos sentidos pezames”; “Entregou a alma ao creador, o innocente anjinho Joaquim [...]” (*A Juventude*, 01/11/1917).



Fig. 3: Página interna do jornal *A Juventude*. Destaque para as colunas “Anjinhos” e “Charadas novissimas

Dando sequência às observações de *A Juventude*, ressaltamos a publicação datada de 19/04/1916. Nela, encontramos a presença de temas cívicos na imprensa infantojuvenil de Mato Grosso. Há publicação de poemas e outros textos em forma de ensaio, conferência e discurso proclamando que a população da antiga província demonstrasse o seu patriotismo. O redator chama atenção dos leitores para o momento político que vivia o país.

Verificamos que se valendo de um estilo discursivo sério e ufanista, o jornal utiliza exemplos de personalidades, deixando clara a intenção de formar a opinião dos leitores, através de um tom didático e moralizante, de caráter patriótico. Com esses dados, reafirmamos a continuidade de uma acentuada educação cívica e moral, uma postura conservadora, cujo lastro já se encontrava presente nas letras brasileiras direcionadas a crianças e jovens do século XIX.

Uma prova da presença de discursos e ensaios com temas cívicos e heroicos em impressos do século XX, com esse direcionamento, localiza-se também em *A Juventude*, datado de 28/06/1917. Utilizando-se do título “Retomada de Corumbá”, o editorial conta a história de um importante capítulo da Guerra da Tríplice Aliança e da participação de tropas mato-grossenses nas sangrentas batalhas para a retirada do inimigo.

Em face do aniversário do heroico acontecimento, em tom eufórico e ufanista, o editor relembra que, em janeiro de 1865, Corumbá e o forte de Coimbra foram militarmente tomados por tropas paraguaias e, em 1867, o presidente da província de Mato Grosso, Couto Magalhães, pretendeu a Retomada iniciando os preparativos militares e as estratégias da operação. Consta que no dia 15 de maio de 1867 teve início a ação militar com a partida das tropas do Porto de Cuiabá. Em 13 de junho teria ocorrido a retomada da vila de Corumbá, fato que resgata a moral do povo mato-grossense e dá início à expulsão definitiva das tropas paraguaias.

Os relatos históricos são então mantidos pelos editores para divulgar a história oficial. Através de uma linguagem carregada de ênfase e ostentação poética, percebemos a intenção de se cultivar determinados valores e padrões a serem respeitados e incorporados pelos leitores, principalmente os mais novos. Vide discurso publicado:

[...] Foi bello esse dia! Por um sol de ameno Junho, aqueles que iam affrontar a ira da propria ferocidade, marchavam calados, mas contentes. As cores translucidas batiam de cheio em suas faces e, dos lábios corados pelo sol tão quente, desabotoavam sorrisos de alegria.

[...] Trocaram-se as cores do céu, as estrellas rebrilhavam tremulante em nuvens espaçosas, mais aglomeradas para o poente.

E ficaste livre oh! Corumbá! (*A Juventude*, 28/06/1917).

Empenhados em campanhas que objetivavam manter a ordem e a moral em favor da classe dominante, os redatores e colaboradores se voltam para o passado em busca do retomar o orgulho regional e nacional. Enaltecer feitos heroicos de vultos do passado torna-se estratégia para esconder os prejuízos decorrentes do isolamento que a região sofria. A esse respeito Nadaf (2002, p. 208), ao analisar os textos de autores nos folhetins de Mato Grosso, esclarece: “Os dirigentes dos jornais e autores locais pertenciam aos órgãos governamentais, políticos e religiosos, onde ocupavam funções variadas de destaque [...]”. Sob esse efeito, podemos visualizar a prática escrita dentro de uma rede de relações visíveis ou invisíveis, que definem a posição dos autores, quer seja social, quer esteticamente.

Importante pensarmos as relações que podem estar visíveis nas formas de coexistência entre autoria e posição no campo cultural e literário, em um momento específico da história das letras em Mato Grosso. Nesse momento, dever e amor à pátria são lições a serem aprendidas, assim como a prática das virtudes e noções de obediência. Nesse espaço-tempo de sua trajetória, o periódico *A Juventude* parece cumprir a função de contagiar e doutrinar seus jovens leitores. O tom moralizador almejava coibir, reprovar e punir, todo comportamento social que fosse julgado inadequado para os seus alunos e leitores, como também para os adultos.

Consideramos que, mesmo não tendo promovido rupturas na série literária brasileira, ou não tendo apresentado inovações significativas, as manifestações artísticas literárias publicadas nas páginas de *A Juventude*, foram um importante veículo de divulgação cultural, pois expressaram sentimentos, angústias e modos de perceber a realidade em que viviam os cidadãos daquele tempo. Notamos, portanto, um importante campo, lugar de onde se materializa a representação da criança e do jovem no Estado de Mato Grosso.

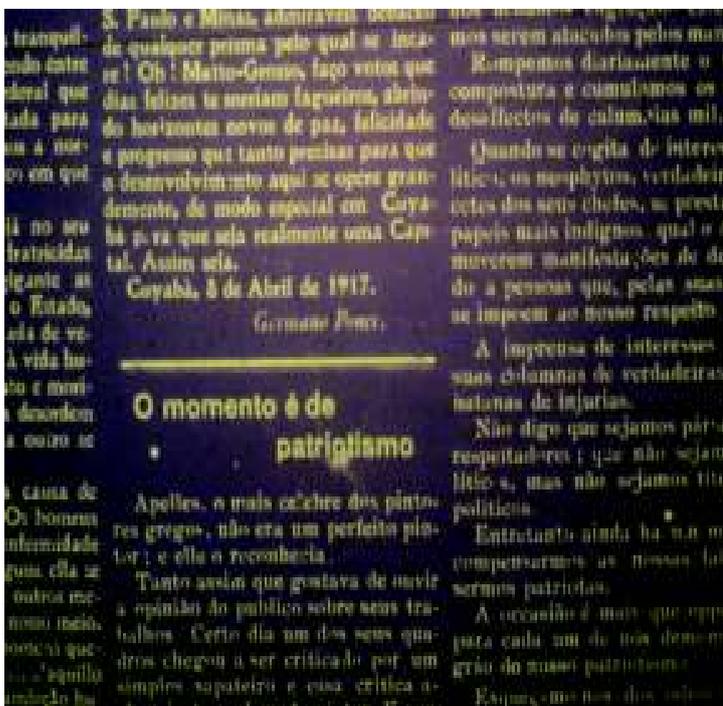


Fig. 4: Página interna do jornal *A Juventude*. Em destaque os editoriais sobre fatos históricos regionais e nacionais.

Os textos publicados no periódico, ainda que não apresentassem qualidade estética elevada, adquirem importância como fonte histórica. O acervo consultado possibilitou-nos revisitar o passado. Lá encontramos marcas de constituição da criança e do jovem na sociedade mato-grossense do início do século XX. Lá estão as coordenadas da produção direcionadas a crianças e adolescentes no Estado.

### Considerações finais

Foram nos jornais do início do século XX, em solo mato-grossense, que a imprensa publicou os primeiros textos literários direcionados ao público juvenil que ora se formava. No periódico *A Juventude*, publicado entre 1916 a 1917, nos números analisados, encontramos poemas e textos em prosa (prosa literária curta). Na “Secção infantil” do jornal, textos literários dividiam espaço com paródias, charadas e concurso de perguntas e respostas. Predominava a visão de que a criança era um ser que precisava ser

ensinado e condicionado. Esta mesma visão esteve nos primeiros momentos da literatura infantil brasileira, que se estendeu de 1880 a 1920. É a literatura de caráter utilitário, recurso que se coloca acima da natureza artística do objeto.

No Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR) descobrimos a imprensa escolar atuando no Estado. Com base nas pesquisadas de Arroyo (2011), que fundamentam a importância dessa imprensa para a formação das coordenadas da literatura infantil brasileira e posterior evolução desse gênero, confirmamos que em Mato Grosso a imprensa escolar cumpriu o mesmo legado. Nos jornais enfatizou-se a tônica dos assuntos, das ações e da representação da criança dentro desse universo da escrita.

Nas páginas dos impressos recuperados pelo NDIHR, microfilmados, confirmamos o foco de interesse para temas específicos como modos e regras, religião, recreação, instrução, esporte, literatura (pequenos contos e narrativas de viagens), fotos, calendário das datas festivas religiosas e demais notícias.

Nossa hipótese caminhou para uma confirmação: estavam nos jornais e na imprensa escolar (formada por revistas e pequenos periódicos) assim como no teatro praticado nas escolas salesianas a pré-história da literatura infanto-juvenil produzida em Mato Grosso. O tom moralizador que servira aos propósitos da linha discursiva dos textos cênicos de Padre Pombo e dos periódicos *A Juventude*, *O Pequeno Mensageiro* e *O Liceu* determinariam o direcionamento do teatro e dessa imprensa. De modo geral, almejavam coibir, reprovar e punir todo comportamento social que fosse julgado inadequado para os seus espectadores e leitores, prevalecendo assim uma forte tendência educacional que buscava a consolidação de valores herdados.

### Referências

*A Juventude*, periódico literário, crítico, esportivo e noticioso, de 19 de março de 1917, Cuiabá, Mato Grosso. NDIHR, Caixa 024, p. 01-A. Jornais Diversos, Envelope: *A Juventude - Cuiabá - 1916-1917*.

\_\_\_\_\_, periódico literário, crítico, esportivo e noticioso, de 17 de maio de 1917, Cuiabá, Mato Grosso. NDIHR, Caixa 024. Jornais Diversos, Envelope: A Juventude

\_\_\_\_\_, periódico literário, crítico, esportivo e noticioso, de 28 de junho de 1917, Cuiabá, Mato Grosso. NDIHR, Caixa 024. Jornais Diversos, Envelope: A Juventude - Cuyabá - 1916-1917.

\_\_\_\_\_, periódico literário, crítico, esportivo e noticioso, de 01 de outubro de 1917, Cuiabá, Mato Grosso. NDIHR, Caixa 024. Jornais Diversos, Envelope: A Juventude - Cuyabá - 1916-1917.

\_\_\_\_\_, periódico literário, crítico, esportivo e noticioso, de 01 de novembro de 1917, Cuiabá, Mato Grosso. NDIHR, Caixa 024. Jornais Diversos, Envelope: A Juventude - Cuyabá - 1916-1917.

REVISTA Mato Grosso. Ano II, nº 3, Revista Mensal de Ciências, letras, Artes e variedades, Cuiabá, 1905. BCBM-FR/MT.

\_\_\_\_\_. Ano IX, Junho/Julho, nº 6/7. Cuiabá, Escolas Profissionais Salesianas, 1907. BCBM-FR/MT.

JUCÁ, Pedro Rocha. *Imprensa Oficial de Mato Grosso: 170 anos de história*, 2009, Cuiabá.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1985.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas - o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2002.

PÓVOAS, Lenine. *História da Cultura matogrossense*. 2 ed. São Paulo: Editora Resenha, 1994.